



A universidade necessária: desenvolvimento nacional e produção científica

Hugo Dante Cyro Macedo Müller¹

Resumo

O presente trabalho trata-se de uma resenha crítica sobre a obra *A Universidade Necessária* escrita por Darcy Ribeiro em 1968. O livro do intelectual brasileiro disserta sobre o papel da universidade no processo de desenvolvimento nacional, faz um diagnóstico preciso sobre os problemas da universidade na condição do subdesenvolvimento e propõe um novo modelo universitário. Dividiremos esta resenha em três partes, na primeira abordaremos o dilema entre a universidade da modernização reflexa e a universidade necessária. Na segunda parte trataremos da relação entre universidade e desenvolvimento nacional, através dos estudos de Darcy Ribeiros sobre os modelos universitários pelo mundo. Na terceira parte, à guisa de conclusão, iremos trazer a questão da universidade para a atualidade, apresentando dois dados que versam sobre produção científica e o domínio tecnológico, interpretá-los-emos à luz do livro *A Universidade Necessária*.

Palavras chave: Universidade, Darcy Ribeiro, desenvolvimento.

La universidad necesaria: desarrollo nacional y producción científica

Resumen

Este trabajo es una reseña crítica de la obra *La Universidad Necesaria* escrita por Darcy Ribeiro en 1968. El intelectual brasileño escribe sobre el papel de la universidad en el proceso de desarrollo nacional, hace un diagnóstico preciso de los problemas de la universidad en el subdesarrollo y propone un nuevo modelo de universidad. Dividiremos esta reseña en tres partes, la primera se ocupará en el dilema entre la Universidad de modernización refleja y la universidad necesaria. En la segunda parte nos ocuparemos de la relación entre las universidades y el desarrollo nacional a través del estudio de Darcy Ribeiro sobre los modelos universitarios de todo el mundo. En la tercera parte, vamos a llevar el tema de la universidad hasta la actualidad, con dos datos que se ocupan de la producción científica y dominio tecnológico, vamos a interpretarlos a través de las tesis de *La Universidad Necesaria*.

Palabras clave: Universidad, Darcy Ribeiro, desarrollo.

¹ Graduado em História - bacharelado e licenciatura - pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em História política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH-UERJ), com a dissertação intitulada "O pensamento político de Hélio Jaguaribe em tempos isebianos: populismo, desenvolvimento nacional e nacionalismo (1952-1958)", bolsista CAPES durante o mestrado. Realiza pesquisa com ênfase no pensamento político e social latino-americano, abordando temas como o nacionalismo e revoluções nacionais, movimentos terceiro-mundistas e a História intelectual através de perspectivas periféricas. hugomuller.rj@gmail.com

The necessary university: national development and scientific production

Summary

The present review deals with a critical analysis of the “A Universidade Necessária” written by Darcy Ribeiro in 1968. The book of the Brazilian intellectual talks about the role of the university in the process of national development, makes a precise diagnosis on the problems of the university in the condition of underdevelopment and proposes a new university model. We will split this review into three parts, in the first we will address the dilemma between the university of reflexive modernization and the necessary university. In the second part, we will discuss the relationship between university and national development through Darcy Ribeiro's studies of university models around the world. In the third part, we will bring the question of the university to the present, presenting two data that deal with scientific production and the technological domain, we will interpret thought theses of the book “A Universidade Necessária”.

Key words: University, Darcy Ribeiro, development.

A universidade da modernização reflexa e a universidade necessária

Darcy Ribeiro escreve *A Universidade Necessária* em 1968, exilado no Uruguai, a partir de uma série de estudos sobre as universidades latino-americanas. Portanto, apesar dele ser um intelectual brasileiro, não se trata de uma obra sobre e para o Brasil, mas para toda a América Latina. O ano de 1968 é marcante no mundo pelas rebeliões das juventudes de diversos países, Darcy não passa ao largo disso, essa identificação da rebeldia da juventude é um elemento que vai estar presente na obra dele, é o sentido de crise, de esgotamento dos regimes vigentes que vai mobilizá-lo também a escrita da obra *A Universidade Necessária*. O autor faz o diagnóstico que a América Latina passava por um ciclo de ditaduras que adotou um projeto de desenvolvimento caudatário e subalterno aos países do capitalismo central, sendo assim, Darcy aponta a necessidade da adoção de um projeto de desenvolvimento autônomo como o único caminho para superar as mazelas e a miséria no continente latino-americano. Isso não está presente apenas nesta obra em específico, mas no conjunto de obras deste intelectual, o conteúdo em particular desta obra dá conta de questionar qual o papel da universidade em todo esse processo de desenvolvimento dependente. Darcy assinala quatro crises que acometem a universidade. Utilizo o verbo no tempo presente por julgar serem crises ainda não superadas. A primeira de caráter conjuntural, a universidade está inserida num período de revolução técnica-científica, porém, na contramão, a mesma no máximo é instrumento de uma modernização reflexa, em breve voltamos a este conceito fundamental. A segunda crise é de natureza política, Darcy vai indicar a existência de perspectivas conflituosas na sociedade

acerca do papel e a função da universidade e que de certo modo se replica dentro do espaço universitário. O autor disserta, por exemplo, sobre a conformação de uma consciência crítica que faz com que as pessoas questionem o papel da universidade, por outro lado, os próprios militares possuidores de uma visão da universidade enquanto um espaço subversivo pela sua autonomia perante o Estado. A crise é estrutural, pois com a estrutural material atual das universidades torna-se inviável uma transformação pelas precárias condições para a pesquisa e o ensino. E, por fim, a crise também é intelectual, visto a necessidade de conhecer melhor os problemas da universidade e a maneira de transformá-la, além disso, a própria comunidade acadêmica se divide em relação às soluções que deveriam ser adotadas.

Portanto, a partir da noção de crise da universidade, Darcy Ribeiro aponta um dilema: A universidade se mantém enquanto um instrumento da nossa modernização reflexa e não soluciona as crises apresentadas ou se transforma em um instrumento do nosso crescimento autônomo. A modernização reflexa seria suposição de que com determinados aperfeiçoamentos e inovações nossas universidades tornariam tão eficazes quanto às dos países desenvolvidos, já o crescimento autônomo trata-se de entender a universidade enquanto uma instituição que ao atuar de forma “espontânea” perpetua a situação de subdesenvolvimento e que só é possível superar o atraso nacional ao intencionalizar suas ações com este objetivo. Darcy, entendendo a universidade como um espaço das contradições sociais, compreende que este dilema não é apenas da universidade, mas de toda a sociedade. Desta forma, se reverbera nas opções de desenvolvimento da nação através da atualização histórica *versus* aceleração evolutiva. Sendo a primeira a manutenção de um desenvolvimento dependente, caudatário e “tardio” em relação ao desenvolvimento dos países do capitalismo central enquanto a segunda trata-se da própria superação da dependência com a evolução dos nossos padrões científicos e econômicos.

Dentro da universidade o autor identifica as forças atuantes em prol da modernização reflexa e aquelas que podem romper com essa realidade. Neste segundo grupo, encontra-se os estudantes e o movimento estudantil, caracterizados enquanto “rebeldes”. Porém, Darcy assinala que a ausência de um projeto universitário alternativo aos vigentes faz com que os estudantes que outrora foram rebeldes, ao concluírem seus cursos e ingressarem no mercado de trabalho, tornam-se verdadeiros guardiões da ordem. No primeiro grupo, o autor indica os docentes que se dividem entre os antigos catedráticos conservadores e o acadêmico modernizador, cosmopolita em sua essência, que adere aos novos modismos acadêmicos da Europa e dos EUA, pressupondo a modernização de sua faculdade. Os que optam pela modernização

reflexa da universidade se dividem entre pessimistas, ingênuos e oportunistas, escreveu Darcy Ribeiro.

Porém, como a universidade poderá levar a cabo um projeto de crescimento autônomo? Há dois pontos propositivos apontados pelo autor. O primeiro trata-se da realização de diagnóstico crítico da sociedade e da universidade. O segundo ponto é formar uma militância que se antecipe às transformações estruturais que agem em prol de uma modernização reflexa, não se isolando dentro da universidade. Tal isolamento refere-se aos universitários que são progressistas fora da academia e dentro dela agem conservando as estruturas e as relações tacanhas da dinâmica universitária, por outro lado, também há os universitários que são radicais na academia e fora dela impotentes em suas críticas e incapazes de estabelecer vínculos políticos com outros setores sociais.

Por fim, que universidade é essa, ainda em forma de utopia, inserida em um esforço nacional de aceleração evolutiva? Trata-se da Universidade Necessária, a universidade como vanguarda produtora de meios de transformação que serão paulatinamente empregados na sociedade.

O papel das universidades no desenvolvimento nacional

Em *A Universidade Necessária*, Darcy Ribeiro estabelece uma relação histórica entre a universidade e o desenvolvimento nacional. A universidade moderna surge quando as sociedades européias rompem com o sistema feudal e se consolida ao passo do processo da Revolução Industrial. Portanto, as universidades se desfazem de uma longa tradição de ensino escolástico em prol de um saber científico e tecnológico, receptivas às renovações institucionais de caráter liberal levado a cabo pelas burguesias européias. Atemo-nos ao modelo alemão, e na América, ao modelo Estadunidense. Os dois modelos universitários têm em comum serem provenientes de países que entraram na esteira da revolução industrial com certo atraso, porém, com um “esforço intencional”, realizaram um processo de renovação e domínio tecnológico. O modelo alemão será estruturado no início do século XIX. Um aspecto relevante trata-se do comprometimento deste projeto universitário com a integração alemã e a incorporação da cultura germânica a um novo projeto político de nação. Ocorre uma integração das escolas de medicina, ciência, leis e filosofia. Sendo esta última separada da escola de teologia, voltando-se à ciência e não mais a religião. Alavancou-se o prestígio de uma visão de mundo alemã conferindo um alto status a filosofia deste país. Portanto a universidade alemã se vê ligada a um esforço de desenvolvimento nacional que, de certo modo, precedeu a entrada do

país na revolução industrial. O modelo universitário estadunidense tem, como primeiro patamar, o surgimento dos *colleges*, de características locais, extremamente funcionais e com capacidade de americanizar os imigrante e compartilhar valores comuns às novas gerações de estadunidenses. Ao longo do século XIX, algumas dessas universidades passaram a se aprimorar na investigação científica e se transformaram em grandes pólos de desenvolvimento de tecnologia. Com investimento do Estado e de fundos privados, interessados nos resultados das pesquisas que serão realizadas. Outras universidades mantiveram-se voltadas para a qualificação da mão-de-obra para o mercado de trabalho. Ao longo do século XX, as universidades americanas realizaram a aquisição sistemática de quadros intelectuais do mundo.

Esses dois modelos universitários citados foram de fato instrumentos de um desenvolvimento nacional, sendo fundamentais para que ambas as nações tornassem vanguardas do capitalismo mundial ao longo do século XX. Portanto, a característica fundamental das universidades modernas no centro do capitalismo é o seu aspecto revolucionário. Foram instrumentos de estabelecimento de uma nova sociedade capitalista, altamente industrializada e com alto grau de domínio tecnológico.

Ao sul, as universidades latino-americanas modernas seguiram, em geral, o modelo universitário francês. Porém, não se adotou este modelo em sua totalidade, visto a própria inviabilidade histórica. O modelo francês decorrente das reformas napoleônicas tem como característica geral uma centralização de diferentes escolas superiores de natureza autárquica, a partir de um órgão diretor dos parâmetros educacionais, com a intenção de unificar culturalmente uma França com marcas feudais. Do lado de cá do Atlântico, a aglomeração das faculdades e a profissionalização dos docentes, em boa medida, tiveram a influência francesa. Porém, as universidades integradas por um projeto educacional promotor do desenvolvimento e da cultura nacional são uma característica do modelo francês que não se transplantou para cá. As universidades latino-americanas não serviram ao propósito do desenvolvimento nacional, em outro sentido, foram locais de um “pacto” entre as oligarquias e a pequena burguesia, a primeira utilizava as universidades para a formação de suas proles, perpetuando a cultura do “bacharel” que conferia *status* e manutenção do poder por parte da burguesia oligárquica, e a segunda ocupava os cargos remunerados das universidades. Assim sendo, Darcy Ribeiro define que será uma universidade de matriz francesa enquadrada num marco colonial. As faculdades irão passar ao longo da primeira metade do século XX por um processo de aglomeração, porém, não de integração, no qual surgem as universidades, dentro destas estabeleceram-se poucas interações científicas entre as faculdades, nacionalmente o mesmo se repete entre as universidades. Desta forma, não há uma integração e nem um projeto nacional que confere às

universidades um papel relevante no desenvolvimento dos países latino-americanos. Como exemplo desta assertiva, Darcy Ribeiro escreve que durante a industrialização do Brasil no início do século XX, foram trazidos engenheiros estrangeiros para estruturar o maquinário das fábricas. Portanto, as universidades latino-americanas vão ter uma função predominantemente conservadora, como instrumento de manutenção da burguesia com características aristocráticas, a ausência de um esforço intencional de desenvolvimento e a adoção de tecnologias estrangeiras em detrimento a um projeto de desenvolvimento científico nacional.

A universidade e a produção científica na atualidade, para quem serve?

Essa questão pressupõe o esforço de atualizarmos o papel da universidade na América Latina. Mesmo dentro de um quadro de “modernização reflexa” as universidades latino-americanas produzem ciência e tecnologia². Porém, tal produção científica não reverbera em domínio tecnológico³. Um ponto fundamental que Darcy Ribeiro nos traz para entender essa questão é que as universidades são “subestruturas inserida numa estrutura social global” (RIBEIRO, 1969, p.9), ou seja, assim como o subdesenvolvimento do nosso capitalismo é intrínseco ao desenvolvimento do capitalismo dos países centrais, o baixo domínio tecnológico nacional está intrinsecamente ligada ao alto domínio tecnológico dos países centrais. Portanto, podemos estabelecer uma relação que aponta a “fuga” de conhecimento científico da periferia para o centro. Portanto, as nossas universidades estão servindo para concentração de riqueza dos países desenvolvidos e não para a superação do nosso subdesenvolvimento. Isso nos remete ao que já foi abordado anteriormente, o problema não se encontra por si só nas universidades, até porque numa lógica inversa, por si só a mesma não seria a solução do problema. A questão se localiza na ausência de um projeto nacional que seja integradora das nossas universidades não apenas na perspectiva de intercâmbio de conhecimento, indo além, que canalize a produção científica em prol do desenvolvimento nacional e não de outras nações estrangeiras.

Ao lermos *A Universidade Necessária*, compreendemos que os modelos universitários dos países desenvolvidos estabelecem uma subordinação das produções científicas universitárias aos interesses dos estados nacionais, ao fim, por se tratarem de estados burgueses, aos interesses das burguesias nacionais. Na ausência de burguesias nacionais autônomas na Amé-

² O Brasil é o 13º maior produtor de publicações de pesquisa (*papers*) em nível mundial, dados de 2011 a 2016. Ver: <https://portal.if.usp.br/ifusp/pt-br/not%C3%ADcia/panorama-da-produ%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-do-brasil-2011-2016>

³ Entre os 20 maiores escritórios de concessões de patentes do mundo o Brasil é o penúltimo (41,453 mil patentes), o primeiro é os EUA (2,2 milhões de patentes), seguido do Japão (1,6 milhão), China (875 mil), Coréia do Sul (738 mil) e Alemanha (549 mil). Dados de 2012. Ver em: <https://www.wipo.int/portal/en/index.html>

rica Latina, levado a cabo no processo de integração capitalista do pós – Segunda Guerra Mundial⁴, torna-se historicamente inviável um projeto de desenvolvimento autônomo com a participação da “universidade necessária” que não rompa com os marco do estado burguês.

⁴ Ver MARINI, Ruy Mauro. *Subdesenvolvimento e revolução*. Florianópolis: Editora Insular. 2012.